

TIDIANE N'DIAYE

# O GENOCÍDIO OCULTADO

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA SOBRE  
O TRÁFICO NEGREIRO ÁRABO-MUÇULMANO

Tradução  
TIAGO MARQUES

gradiva

# Índice

|  |     |
|--|-----|
| <i>Introdução</i> .....  | 7   |
| 1. As formas de escravidão em África antes da conquista árabe                        | 11  |
| 2. O negro no imaginário colectivo dos povos árabo-muçulmanos .....                  | 37  |
| 3. A conquista árabe de África.....  | 57  |
| 4. Após a conquista, a islamização e as cumplicidades africanas.....                 | 85  |
| 5. Resistência africana.....   | 105 |
| 6. Bestialização, razias e perseguições, ou a África a ferro e fogo.....             | 121 |
| 7. Os negros no sistema escravagista árabo-muçulmano.....                            | 141 |
| 8. Extinção étnica programada por castração maciça.....                              | 169 |
| 9. «Síndrome de Estocolmo à africana», ou a amnésia por solidariedade religiosa..... | 185 |

## *Anexos*

|  |     |
|--|-----|
| Versículos do Alcorão que encorajam a escravização dos não-muçulmanos pelos muçulmanos ..... | 209 |
| A maldição de Cam.....   | 211 |
| Testemunho de Hayrettin Effendi, último eunuco do último sultão.....                         | 213 |

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| Balizas cronológicas ..... | 215 |
| Glossário .....            | 219 |
| Bibliografia .....         | 227 |
| Estudos .....              | 231 |
| Agradecimentos .....       | 233 |

# Introdução

Os árabes\*, no decurso dos seus movimentos de conquista, começaram por tomar, submeter e islamizar o Norte de África, antes de se dirigirem para Espanha. Neste país, desenvolveram uma civilização brilhante, simbolizada pelos emirados e califados de Córdova. Depois, quando regressaram a África, numa nova vaga de islamização dos povos, levaram consigo uma infinidade de desgraças. Durante a progressão árabe, a sobrevivência constituía um verdadeiro desafio para as populações. Milhões de africanos foram arrasados, massacrados, capturados, castrados ou deportados para o mundo árabo-muçulmano. Isto em condições desumanas, em caravanas que atravessavam o Sara ou por via marítima, a partir dos entrepostos de carne humana da África Oriental. Era esta, na verdade, a primeira empresa da maioria dos árabes que islamizavam os povos africanos, fazendo-se passar por pilares da fé e por modelos dos crentes. Muitas vezes, iam de região em região, com o Alcorão numa mão e um machete na outra, levando hipocritamente uma «vida de oração» e invocando constantemente Alá e os hádices\* do seu profeta.

---

\* Relativamente às palavras seguidas de um asterisco, consultar o glossário, a partir da pág. 219.

Belos e nobres princípios, na verdade, mas que foram desprezados — com tanta alegria, tanta infâmia e tanta má-fé! — pelos negreiros árabes, que puseram África a ferro e fogo. Protegidos por este pretexto religioso, perpetraram os crimes mais hediondos e as crueldades mais atrozes. Isto mereceu a Édouard Guillaumet as seguintes palavras: «Que desgraça para a África, o dia em que os árabes puseram os pés no interior! Com eles vieram a sua religião e o seu desprezo pelos negros...»

Se hoje em dia, no que diz respeito à islamização de povos africanos, na maioria dos países, a religião do profeta Maomé — com o seu prestígio social e intelectual — fez enormes concessões às tradições ancestrais, ao integrar-se harmoniosamente sem destruir as culturas e as línguas, isto nem sempre se verificou: a história dos árabes que mergulharam os povos negros nas trevas foi sobretudo a do mal absoluto.

Enquanto o tráfico transatlântico durou quatro séculos, os árabes arrasaram a África Subsariana durante 13 séculos ininterruptos. A maioria dos milhões de homens por eles deportados desapareceu devido ao tratamento desumano e à castração generalizada.

O tráfico negreiro árabo-muçulmano começou quando o emir e general árabe Abdallah ben Saïd impôs aos sudaneses um *bakht* (acordo), no ano de 652, que os obrigava a entregar anualmente centenas de escravos. A maioria destes homens era retirada das populações do Darfur. E foi este o começo da sangria humana que, aliás, só iria estancar oficialmente no início do século xx.

Aparentemente, esta dolorosa página da história dos povos negros não foi virada de forma definitiva. No rescaldo do segundo conflito mundial e da descoberta dos horrores do Holocausto, a Humanidade foi confrontada com a medida exacta da crueldade do Homem e da fragilidade da sua condição. Sob o choque, a comunidade internacional declarou, numa espécie de célebre e memorável «*never again*», que não permitiria que tais aconte-

cimentos se repetissem. Isto revelar-se-á tanto mais absurdo aos historiadores do futuro quanto, neste início do século XXI, está a decorrer no Sudão uma verdadeira operação de limpeza étnica das populações do Darfur.

Em Abril de 1996, o enviado especial das Nações Unidas ao Sudão já testemunhava um «aumento assustador do escravagismo, do comércio de escravos e do trabalho forçado no Sudão». Em Junho do mesmo ano, dois jornalistas do *Baltimore Sun*, que também tinham conseguido entrar no país, escreviam num artigo intitulado «Dois testemunhos da escravidão\*» que tinham conseguido comprar jovens escravas, para as libertar. Decididamente, do Darfur do século VII ao Darfur do século XXI, o horror continua, desta vez com a agravante da limpeza étnica.

É mais do que tempo de o genocidário tráfico negreiro árabo-muçulmano ser examinado e debatido, ao mesmo título que o tráfico transatlântico. Embora não existam graus no horror nem monopólio da crueldade, podemos afirmar, sem risco de equívoco, que o comércio negreiro árabo-muçulmano e as *jihads\** (guerras santas) provocadas pelos seus impiedosos predadores para obter prisioneiros foram, para a África Negra, muito mais devastadores do que o tráfico transatlântico. E isto ainda ocorre sob os nossos olhos (Janeiro de 2008), com o seu quinhão de massacres e o seu genocídio a céu aberto.

*Tidiane N'Diaye*